Ativos Dólar tem forte queda após subir a R\$ 6,30 na máxima da sessão; juros futuros despencam

Galípolo e ações de Tesouro e BC acalmam mercado

Arthur Cagliari, Bruna Furlani, Gabriel Caldeira, Gabriel Roca, Maria Fernanda Salinet e Victor Rezende De São Paulo

O mau humor que deu o tom durante toda a semana voltou a assombrar os mercados na sessão de ontem, mas não teve fôlego suficiente para uma nova rodada de deterioração dos ativos financeiros. A intervenção recorde do Banco Central no mercado de câmbio, com a venda de US\$ 8 bilhões no mercado à vista, declarações firmes do futuro presidente da autarquia, Gabriel Galípolo, forte recompra de títulos prefixados pelo Tesouro Nacional, e a aprovação da PEC da revisão de gastos promoveram um forte alívio nos mercados: dólar e juros futuros despencaram, enquanto o Ibovespa teve leve alta.

O primeiro leilão de dólares no mercado à vista, com a venda de US\$ 3 bilhões, não teve efeitos relevantes na taxa de câmbio, que voltou a anotar forte estresse durante a manhã de ontem. Na máxima, o dólar chegou a R\$ 6,3000, em um movimento agudo de de-

terioração. Pouco tempo depois, o BC fez nova intervenção no mercado de câmbio, ao anunciar a venda de até US\$ 5 bilhões, o que teve efeito direto na dinâmica do real, que voltou a se valorizar.

O dólar encerrou a sessão negociado a R\$ 6,1216, em queda de 2,32%, e o real teve o melhor desempenho entre as principais moedas. Nesta sexta-feira, o BC tem programadas duas novas ações no mercado de câmbio: a venda de até US\$ 3 bilhões no mercado à vista e um leilão de linha — venda de dólares com compromisso de recompra — de US\$ 4 bilhões.

Os leilões do BC não foram os únicos fatores que interferiram no desempenho do câmbio. Ainda durante a manhã, a sinergia entre Galípolo e o atual presidente do BC, Roberto Campos Neto, durante entrevista coletiva sobre o relatório de inflação, foi vista de forma positiva por agentes do mercado, assim como as declarações de ambos sobre as intervenções no câmbio e o rumo dos juros. O apontamento do Galípolo de que “a barra é alta” para não se cumprir o

“forward guidance” (prescrição futura) derrubou as taxas futuras.

No momento de maior tensão no mercado de juros, a curva chegou a precificar a Selic em 17,5% e uma elevação do juro básico em 1,75 ponto na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) em janeiro, quando o BC já estará sob o comando de Galípolo. A indicação do dirigente de que o guidance deve ser cumprido provocou uma retirada relevante dos prêmios nos juros de curto prazo. A taxa do DI para janeiro de 2026 caiu de 15,385% para 15,10%.

O chefe da mesa de operações

“Tesouro fez o papel dele em tentar acalmar o mercado, oferecendo liquidez em momento de turbulência”

Luiz A. Basqueira

do C6 Bank, Felipe Garcia, avalia que o discurso do BC no evento ajudou a tranquilizar os mercados. “Foi uma conjunção de fatos, com a intervenção do BC, com um volume grande, e com Campos Neto e Galípolo mostrando que estão atentos à situação atual e que o BC está presente para atuar quando necessário”, diz. “As falas do Galípolo também sobre a política monetária, dizendo que há instrumentos para fazer a inflação convergir [à meta] também ajudaram a tranquilizar.”

Garcia diz que o estresse visto nos últimos dias reflete não apenas a questão fiscal, mas também um momento particular de saída de dólares do Brasil. “A saída de capital se concentrou muito nesta semana porque nas próximas já teremos as festas de fim de ano, e as negociações costumam reduzir”, afirma.

“Mas, mesmo depois que passar esse período, não acredito que a volatilidade irá cair muito, porque o problema fiscal vai continuar existindo; o cerne do problema não foi resolvido. Claro que aprovar o pacote é importan-

te, mas os desafios permanecem, e novas medidas terão de ser tomadas”, ressalta Garcia, ao fazer referência à aprovação da PEC da revisão de gastos na Câmara dos Deputados na tarde de ontem.

Vale notar que, no mercado de juros, alívio extra foi sentido pela atuação mais incisiva do Tesouro Nacional em seu programa de recompra de títulos públicos. O Tesouro deu início à sessão com a intenção de adquirir até 12 milhões de NTN-Bs (títulos indexados à inflação), mas comprou somente 2,28% do total. A intervenção mais efetiva, porém, foi à tarde, quando o Tesouro indicou recomprar até 20 milhões de LTNs (papéis prefixados) e adquiriu 36,8% do total.

O sócio e chefe da área de renda fixa da Ace Capital, Luiz Alberto Basqueira, nota que as alertas de recompra de títulos do Tesouro ontem foram maiores do que no dia anterior, o que ele avalia como uma medida acertada. Na quinta-feira, houve leilões de recompra somente de prefixados de longo prazo (NTN-Fs), o que gerou algum ruído entre os investidores. “O Tesouro

fez o papel dele em tentar acalmar o mercado, oferecendo liquidez, em um momento de turbulência.”

Para Basqueira, apesar de o leilão de NTN-Bs não ter registrado grandes volumes de recompra de títulos pelo Tesouro, houve uma grande saída no leilão de LTNs. “Acho que o Tesouro deveria continuar a intervir nas duas frentes amanhã [hoje]”, aponta o gestor.

O Ibovespa também terminou o dia no campo positivo, em alta de 0,34%, aos 121.188 pontos. Um trade lembra que o nível dos 120 mil pontos é importante e, por essa razão, o índice encontrou “suporte para não recuar ainda mais”, em um contexto no qual a bolsa tem mostrado resiliência na comparação com o câmbio e os juros.

“A bolsa se comporta de modo diferente por ser um ativo real. É composta por empresas que têm um ‘valuation’. A bolsa não pode ficar negativa”, afirma o chefe de uma importante corretora de ações, em condição de anonimato. “O juro não tem um teto, mas a bolsa tem um piso, que a impede de cair tanto”, completa.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Página:** 1